

## VII

## AS EPISTOLAS

O neto de Loide trazia ao ex-rabino muitas novidades confortadoras. Já havia instalado as duas senhorns na cidade, era portador de alguns recursos e falou-lhe do desenvolvimento da doutrina cristã na velha capital da Acaia. Uma notícia foi, sobretudo, particularmente grata. E' que Timóteo mencionava o encontro com Aquila e Prisca. Os que com ele se fizeram solidarios nas dificuldades extremas do deserto, trabalhavam agora em Corinto pela glória do Senhor. Alegrou-se íntima, profundamente. Além das muitas razões íntimas que o chamavam á Acaia, isto é — as recordações indeléveis de Jeziél e Abigail, o desejo de abraçar o casal amigo foi também uma circumstancia decisiva da sua partida imediata.

O valoroso prégador saía de Atenas assaz abatido. O insucesso á face da cultura grega compelia-lhe o espírito indagador aos mais torturantes raciocínios. Começava a compreender a razão por que o Mestre preferira a Galiléia com os seus cooperadores humildes e simples de coração; entendia melhor o motivo da palavra franca do Cristo sobre a salvação, e decifrava a sua predileção natural pelos desamparados da sorte.

Timóteo notou-lhe a tristeza singular e debalde procurou convencê-lo da conveniencia de seguir por mar, em vista das facilidades no Pireu. Ele fez questão de ir a pé, visitando os sitios isolados no percurso.

— Mas sinto-vos doente — objetava o discípulo,

tentando dissuadi-lo. — Não será mais razoavel descansardes?

Lembrando os desalentos experimentados, o Apóstolo acentuava:

— Enquanto pudermos trabalhar, ha que esmarmos no trabalho um elixir para todos os males. Além do mais, é justo aproveitar o tempo e a oportunidade.

— Julgo, entretanto, — justificava o jóvem amigo — que poderíeis adiar um pouco...

— Adiar por que? — redarguia o ex-rabino fazendo o possível por desfazer as máguas de Atenas. — Sempre tive a convicção de que Deus tem pressa do serviço bem feito. Se isso constitúe uma característica de nossas mesquinhas atividades nas cousas deste mundo, como adiar ou faltar com os deveres sagrados de nossa alma, para com o Todo-Poderoso?

O rapaz ponderou no acerto daquelas alegações e calou-se. Assim venceram mais de sessenta quilometros, com alguns dias de marcha e intervalos de prédicas. Nessa tarefa entre gente simples, Paulo de Tarso sentia-se mais feliz. Os homens do campo receberam a Boa-Nova com maior alegria e compreensão. Pequenas igrejas domésticas foram fundadas, não longe do golfo de Saron.

Enlevado pelas recordações cariciosas de Abigail, atravessou o istmo e penetrou na cidade, movimentada e rumorosa. Abraçou Loide e Eunice numa casinha do porto de Kencreés e logo procurou avistar-se com os velhos amigos do "oasis de Dan".

Os três abraçaram-se, tomados de infinito júbilo. Aquila e a companheira falaram longamente dos serviços evangélicos, aos quais haviam sido chamados pela misericórdia de Jesus. De olhos brilhantes, como se houvessem vencido grande batalha, contaram ao apóstolo que haviam realizado o ideal de permanecer em Roma, algum tempo. Como tecelões humildes, habitaram um velho casarão em ruínas, no Trastevere, fazendo as primeiras prégações do Evangelho no ambiente mesmo das pompas cesareanas. Os judeus haviam declarado guerra franca aos novos princípios. Desde o primeiro

rebate da Boa-Nova; iniciaram-se grandes tormentas no "ghetto" do bairro pobre e desprotegido. Prisca relatou como um grupo de israelitas apaixonados lhe assaltara o aposento, á noite, com instrumentos de flagelação e castigo. O marido demorava-se na oficina, e assim não pôde ela esquivar-se aos impiedosos açoites. Só muito tarde, fôra socorrida por Aquila, que a encontrou banhada em sangue. O Apóstolo tarsense exultava. Contou aos amigos, por sua vez, as dores experimentadas em toda a parte, pelo nome de Jesus Cristo. Aqueles mártírios em comum eram apresentados como favores de Jesus, como títulos eternos da sua glória. Quem ama inquieta-se por dar alguma cousa e os que amavam o Mestre sentiam-se extremamente venturosos em sofrerem algo por devotamento ao seu nome.

Desejoso de reintegrar-se na serenidade de suas realizações ativas olvidando a frieza ateniense, Paulo comentou o projeto da fundação de uma igreja em Corinto, ao que Aquila e sua mulher se prontificaram para todos os serviços. Aceitando-lhes o oferecimento generoso, o ex-rabino passou a residir em sua companhia, ocupando-se diariamente do seu officio.

Corinto era uma sugestão permanente de lembranças queridas do seu coração. Sem comunicar aos amigos as reminiscencias que lhe borbulhavam na alma sensível, procurou rever os sitios a que Abigail se referia sempre com enlevo. Com extremo cuidado, localizou a região onde deveria ter existido o pequeno sitio do velho Jochedeb, agora incorporada ao imenso acervo de propriedades dos herdeiros de Licínio Minúcio; contemplou a velha prisão de onde a noiva pudera evadir-se para salvar-se dos celerados que lhe haviam assassinado o pai e escravizado o irmão; meditou no porto de Kencrees, de onde Abigail partira, um dia, para conquistar-lhe o coração, sob os desígnios superiores e imutaveis do Eterno.

Paulo entregou-se, de corpo e alma, ao serviço rude. O labor ativo das mãos proporcionara-lhe brando esquecimento de Atenas. Compreendendo a necessidade de um período de calma, induzira Lucas a descansar

em Troade, já que Timóteo e Silas haviam encontrado trabalho como caravaneiros.

Antes, porém, de retomar as pregações, começaram a chegar a Corinto emissários de Tessalonica, de Beréa e outros pontos da Macedonia, onde fundara suas bem amadas igrejas. As comunidades tinham assuntos urgentes, que requeriam delicadas intervenções da sua parte. Sentindo-se em dificuldades para tudo atender com a presteza devida, chamou novamente Silas e Timóteo para a cooperação indispensavel. Ambos, valendo-se das oportunidades da profissão, poderiam contribuir de maneira eficaz na solução dos problemas imprevistos.

Confortado pelo concurso dos amigos, Paulo falou, pela primeira vez, na sinagoga. Sua palavra vibrante logrou êxito extraordinário. Judeus e gregos falaram de Jesus com entusiasmo. O tecelão foi convidado a prosseguir nos comentários religiosos, semanalmente. Mas tão logo começou a abordar as relações existentes entre a Lei e o Evangelho, repontaram os atritos. Os israelitas não toleravam a superioridade de Jesus sobre Moisés, e, se consideravam o Cristo como profeta da raça, não o suportavam como Salvador. Paulo aceitou os desafios, mas não conseguiu demover corações tão endurecidos; as discussões prolongaram-se por vários sabados, seguidamente, até que, um dia, quando o verbo inflamado e sincero do Apóstolo zurzia os erros fari-saicos com veemência, um dos chefes principais da sinagoga intima-o com aspereza:

— Cala-te, palrador imprudente! A sinagoga tem tolerado teus embustes por verdadeiros prodígios de paciencia; mas, em nome da maioria, ordeno que te retires para sempre! Não queremos saber do teu Salvador, exterminado como os cães da cruz!...

Ouvindo expressões tão desrespeitosas ao Cristo, o Apóstolo sentiu os olhos húmidos. Refletiu maduramente na situação e replicou:

— Até agora, em Corinto, procurei dizer a verdade ao povo escolhido por Deus para o sagrado depósito da unidade divina; mas, se não a aceitais desde hoje, procurarei os gentios!... Cáiam sobre vós mesmos as

injustas maldições lançadas sobre o nome de Jesus Cristo!...

Alguns israelitas mais exaltados quiseram agredí-lo, provocando tumulto. Mas um romano de nome Tito Justo, presente á assembléa e que, desde a primeira prégiação sentira-se fortemente atraído pela poderosa personalidade do Apóstolo, aproximou-se e estendeu-lhe os braços de amigo. Paulo pôde sair incólume do recinto, encaminhando-se para a residencia do benfeitor, que pôs á sua disposição todos os elementos imprescindíveis á organização de uma igreja ativa.

O tecelão estava jubiloso. Era a primeira conquista para uma fundação definitiva.

Tito Justo, com auxilio de todos os simpatizantes do Evangelho, adquiriu uma casa para início dos serviços religiosos. Aquila e Prisca foram os principais colaboradores, além de Loidé e Eunice, para que se executassem os programas traçados por Paulo, de acôrdo com a querida organização de Antióquia.

A igreja de Corinto começou, então, a produzir os frutos mais ricos de espiritualidade. A cidade era famosa por sua devassidão, mas o Apóstolo costumava dizer que dos pantanos nasciam, muitas vezes, os lírios mais belos; e como onde ha muito pecado ha muito remorso e sofrimento, em identidade de circunstancias, a comunidade cresceu, dia a dia, reunindo os crentes mais diversos, que chegavam ansiosos por abandonar aquela Babilonia incendiada pelos vícios.

Com a presença de Paulo, a igreja de Corinto adquiria singular importância e quasi diariamente chegavam emissários das regiões mais afastadas. Eram portadores da Galácia a pedirem providencias para as igrejas da Pisídia; companheiros de Iconio, de Listra, de Tessalônica, de Chipre, de Jerusalém. Em tôrno do apóstolo formou-se um pequeno colégio de seguidores, de companheiros permanentes, que com ele cooperavam nos mínimos trabalhos. Paulo, entretanto, preocupava-se intensamente. Os assuntos eram urgentes quão variados. Não podia olvidar o trabalho de sua manutenção; assumira compromissos pesados com os irmãos de Corinto;

devia estar atento á coleta destinada a Jerusalém; não podia desprezar as comunidades anteriormente fundadas. Aos poucos, compreendeu que não bastava enviar emissários. Os pedidos choviam de todos os sítios por onde perambulava, levando as alviças da Boa Nova. Os irmãos, carinhosos e confiantes, contavam com a sua sinceridade e dedicação, compelindo-o a lutar intensamente.

Sentindo-se incapaz de atender a todas as necessidades ao mesmo tempo, o abnegado discípulo do Evangelho valendo-se, um dia, do silencio da noite, quando a igreja se encontrava deserta, rogou a Jesus, com lágrimas nos olhos, não lhe faltasse com os socorros necessarios ao cumprimento integral da tarefa.

Terminada a oração, sentiu-se envolvido em branda claridade. Teve a impressão nítida de que recebia a visita do Senhor. Genuflexo, experimentando indizível comoção, ouviu uma advertencia serena e carinhosa:

— Não temas — dizia a voz — prossegue ensinando a verdade e não te cales, porque estou contigo.

O Apóstolo deu curso ás lágrimas que lhe fluíam do coração. Aquele cuidado amoroso de Jesus, aquela exortação em resposta ao seu apêlo, penetravam-lhe a alma em ondas cariciosas. A alegria do momento dava para compensar todas as dores e padecimentos do caminho. Desejoso de aproveitar a sagrada inspiração do momento que fugia, pensou nas dificuldades para atender ás várias igrejas fraternas. Tanto bastou para que a voz dulcíssima continuasse:

— Não te atormentes com as necessidades do serviço. E' natural que não possas assistir pessoalmente a todos, ao mesmo tempo. Mas é possível a todos satisfazer, simultaneamente, pelos poderes do espírito.

Procurou atinar com o sentido justo da frase, mas teve dificuldade intima de o conseguir.

Entretanto, a voz prosseguia com brandura:

— Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa vontade saberão compreender, porque o valor da tarefa não está na presença pessoal do missionário, mas no conteúdo es-

píritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida. Doravante, Estevam permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e necessidades do mundo.

O dedicado amigo dos gentios viu que a luz se extinguiu; o silencio voltara a reinar entre as paredes singelas da Igreja de Corinto; mas, como se houvera sorvido a água divina das claridades eternas, conservava o Espírito mergulhado em júbilo intraduzível. Recomeçaria o labor com mais afinco, mandaria ás comunidades mais distantes as notícias de Cristo.

De fato, logo no dia seguinte, chegaram portadores de Tessalônica com notícias desagradabilíssimas. Os judeus haviam conseguido despertar na Igreja novas estranhas dúvidas e contendas. Timóteo corroborava com observações pessoais. Reclamavam a presença do Apóstolo com urgência, mas o Apóstolo deliberou pôr em prática o alvitre do Mestre, e recordando que Jesus lhe prometera associar Estevam á divina tarefa, julgou não dever atuar por si só e chamou Timóteo e Silas para redigir a primeira de suas famosas epístolas.

Assim começou o movimento dessas cartas imortais, cuja essência espiritual provinha da esfera de Cristo, através da contribuição amorosa de Estevam — companheiro abnegado e fiél daquele que se havia arvorado, na mocidade, em primeiro perseguidor do Cristianismo.

Percebendo o elevado espírito de cooperação de todas as obras divinas, Paulo de Tarso nunca procurava escrever só; buscava cercar-se no momento dos companheiros mais dignos, socorria-se de suas inspirações, conciente de que o mensageiro de Jesus, quando não encontrasse no seu tónus sentimental as possibilidades precisas para transmitir os desejos do Senhor, teria nos amigos instrumentos adequados.

Desde então, as cartas amadas e célebres, contendo vibrações de um mundo superior, eram copiadas e sentidas em toda parte. E Paulo continuou a escrever sempre, ignorando, ele próprio, que aqueles documentos sublimes, escritos muitas vezes em hora de angústias

extremas, não se destinavam a uma igreja particular, mas á cristandade universal. As epístolas lograram êxito rápido. Os irmãos as disputavam nos rincões mais humildes, por seu conteúdo de consolações e o proprio Simão Pedro recebendo as primeiras cópias, em Jerusalém, reuniu a comunidade e lendo-as, com emoção, declarou que as cartas do convertido de Damasco deviam ser interpretadas como cartas de Cristo aos discípulos e seguidores, afirmando, mais, que elas assinalavam um novo período luminoso na história do Evangelho.

Altamente confortado, o ex-doutor da Lei procurou enriquecer a igreja de Corinto de todas as experiências que trazia da instituição antioquena. Os cristãos da cidade viviam num oceano de júbilos indefiníveis. A igreja possuía seu departamento de assistência aos que necessitavam de pão, de vestuário, de remédios. Venerandas velhinhas revésavam-se na tarefa santa de atender aos mais desfavorecidos. Diariamente, á noite, havia reuniões para comentar uma passagem da vida de Cristo; em seguida á pregação central e ao movimento das manifestações de cada um, todos entravam em silencio, a-fim-de ponderar o que recebiam do céu através do profetismo. Os não habituados ao dom das profecias, possuíam faculdades curadoras que eram aproveitadas a favor dos enfêrmos, em uma sala proxima. O mediunismo evangelizado, dos tempos modernos, é o mesmo profetismo das igrejas apostólicas.

Como acontecia, por vezes, em Antióquia, surgiam também ali pequeninas discussões em torno de pontos mais difíceis de interpretação, que Paulo se apressava a acalmar, sem prejuizo da fraternidade edificadora.

Ao fim dos trabalhos de cada noite, uma prece carinhosa e sincera assinalava o instante de repouso.

A instituição progredia a olhos vistos. Aliando-se á generosidade de Tito Justo, outros romanos de fortuna aproximaram-se do Evangelho, enriquecendo a organização de possibilidades novas. Os israelitas pobres encontravam na igreja um lar generoso, onde Deus se lhes manifestava em demonstrações de bondade, ao contrário das sinagogas, em cujo recinto, em vez de pão

para a fome voraz, de bálsamo para as chagas do corpo e da alma, encontravam apenas a rispidez de preceitos tirânicos, nos lábios de sacerdotes sem piedade.

Irritados com o êxito inexcedível do empreendimento de Paulo de Tarso, que se demorava na cidade já por um ano e seis meses, tendo fundado um verdadeiro e perfeito abrigo para os "filhos do Calvário", os judeus de Corinto tramaram um movimento terrível de perseguição ao Apóstolo. A sinagoga esvasiava-se. Era necessário extinguir a causa do seu desprestígio social. O ex-rabino de Jerusalém pagaria muito caro a audácia da propaganda do Messias nazareno em detrimento de Moisés.

Era proconsul da Acaia, com residência em Corinto, um romano generoso e ilustre, que costumava agir sempre de acôrdo com a justiça, em sua vida pública. Irmão de Séneca, Junius Gallio era homem de grande bondade e fina educação. O processo iniciado contra o ex-rabino foi ás suas mãos, sem que Paulo tivesse a mínima notícia e era tão grande a bagagem de acusações levantadas pelos israelitas, que o administrador foi compelido a determinar a prisão do Apóstolo para o inquérito inicial. A sinagoga pediu, com particular empenho, lhe fosse delegada a tarefa de conduzir o acusado ao tribunal. Longe de conhecer o movel do pedido, o próconsul concedeu a permissão necessária, determinando o comparecimento dos interessados á audiência pública do dia seguinte.

De posse da ordem, os israelitas mais exaltados deliberaram prender Paulo na véspera, num momento em que o fato pudesse escandalizar toda a comunidade.

A' noite, justamente quando o ex-rabino comentava o Evangelho, tomado de profundas inspirações, o grupo armado parou á porta, destacando-se alguns judeus mais eminentes que se dirigiram ao interior.

Paulo ouviu a voz de prisão, com extrema serenidade. Outro tanto, porém, não aconteceu com a assembléia. Houve grande tumulto no recinto. Alguns moços mais exaltados apagaram as tochas, mas o Apóstolo

valeroso, num apêlo solene e comovedor, bradou alto:

— Irmãos, acaso quereis Cristo sem testemunho?

A pergunta ressoou no ambiente contendo todos os animos. Sempre sereno, o ex-rabino ordenou que acendessem as luzes e estendendo os pulsos para os judeus admirados, disse com acento inesquecível:

— Estou pronto!...

Um componente do grupo, despeitado com aquela superioridade espiritual, avançou e deu-lhe com os açoites em pleno rosto.

Alguns cristãos protestaram, os portadores da ordem de Gallio revidaram com aspereza, mas o prisioneiro sem demonstrar a mais leve revolta, clamou em voz mais alta:

— Irmãos, regosijemo-nos em Cristo Jesus. Estejamos tranquilos e jubilosos porque o Senhor nos julgou dignos!...

Grande serenidade estabeleceu-se, então, na assembléia. Várias mulheres soluçavam baixinho. Aquila e a espôsa dirigiram ao Apóstolo um inolvidavel olhar e a pequena caravana demandou o cárcere, na sombra da noite. Atirado ao fundo de uma enxovia húmida, Paulo foi atado ao tronco do suplicio e houve de suportar a flagelação dos trinta e nove açoites. Ele proprio estava surpreendido. Sublime paz banhava-lhe o coração de brandos consôlos. Não obstante sentir-se sózinho, entre perseguidores cruéis, experimentava nova confiança em Cristo. Nessas disposições, não lhe doiam as vergastadas impiedosas; debalde os verdugos espicavam-lhe o espirito ardente com insultos e ironias. Na prova rude e dolorosa, compreendeu, alegremente, que havia atingido a região de paz divina, no mundo interior, que Deus concede a seus filhos depois das lutas acerbas e incessantes por eles mantidas na conquista de si mesmos. De outras vezes, o amor pela justiça o conduzia á situações apaixonadas, a desejos mal contidos, a polemicas ríspidas; mas ali, enfrentando os açoites que lhe caíam nos ombros semi-nús, abrindo sulcos sangüinolentos, tinha uma lembrança mais viva do Cristo, a impressão de estar chegando aos seus braços misericor-

diosos, depois de caminhadas terríveis e ásperas, desde a hora em que havia caído ás portas de Damasco, sob uma tempestade de lágrimas e trevas. Submerso em pensamentos sublimes, Paulo de Tarso sentiu o seu primeiro grande êxtase. Não mais ouviu os sarcasmos dos algozes inflexíveis, sentiu que sua alma dilatava-se ao infinito, experimentando sagradas emoções de indefinível ventura. Brando sono anestesiou-lhe o coração e, somente pela madrugada voltou a si do caricioso descansa. O sol visitava-o alegre, através das grades. O valoroso discípulo do Evangelho levantou-se bem disposto, recompôs as vestes e esperou pacientemente.

Só depois do meio dia, três soldados desceram ao cárcere das disciplinas judaicas, retirando o prisioneiro para conduzi-lo á presença do proconsul.

Paulo compareceu á barra do tribunal, com imensa serenidade. O recinto estava cheio de israelitas exaltados; mas o apóstolo notou que a assembléa se compunha, na maioria, de gregos de fisionomia simpática, muitos deles seus conhecidos pessoais dos trabalhos de assistência da igreja.

Junius Gallio, muito cioso do seu cargo, sentou-se sob o olhar ansioso dos espectadores cheios de interesse.

O proconsul, de conformidade com a praxe teria de ouvir as partes em litígio, antes de pronunciar qualquer julgamento, apesar das queixas e acusações exaradas em pergaminho.

Pelos judeus falaria um dos maiores da sinagoga, de nome Sóstenes; mas, como não apparecesse o representante da igreja de Corinto para a defesa do apóstolo, a autoridade reclamou o cumprimento da medida sem perda de tempo. Paulo de Tarso, muito surpreendido, rogava intimamente a Jesus fôsse o patrono de sua causa, quando se destacou um homem que se prontificava a depôr em nome da igreja. Era Tito Justo, o romano generoso, que não desprezava o ensejo do testemunho. Verificou-se, então, um fato inesperado. Os gregos da assembléa prorromperam em frenéticos aplausos.

Junius Gallio determinou que os acusadores iniciassem as declarações públicas necessarias.

Sóstenes entrou a falar com grande aprovação dos judeus presentes. Acusava Paulo de blasfemo, desertor da Lei, feiticeiro. Referiu-se ao seu passado, acrimiosamente. Contou que os proprios parentes o haviam abandonado. O proconsul ouvia atento mas não deixou de manter uma attitude curiosa. Com o indicador da direita comprimia um ouvido, sem atender á estupefação geral. O maioral da sinagoga, no entanto, desconcertava-se com aquele gesto. Terminando o libelo apaixonado quanto injusto, Sóstenes interrogou o administrador da Acaia, relativamente á sua attitude, que exigia um esclarecimento, a-fim-de não ser tomada á conta de desconsideração.

Gallio, porém, muito calmo, respondeu fazendo humorismo:

— Suponho não estar aqui para dar satisfação de meus atos pessoais e sim para atender aos imperativos da justiça. Mas, em obediencia ao código da fraternidade humana, declaro que, a meu ver, todo administrador ou juiz em causa alheia deverá reservar um ouvido para a acusação e outro para a defesa.

Enquanto os judeus franziam o sobreceño extremamente confundidos, os corintios riam gostosamente. O proprio Paulo achou muita graça na confissão do proconsul, sem poder disfarçar o sorriso bom que lhe iluminou repentinamente a fisionomia.

Passado o incidente humorístico, Tito Justo aproximou-se e falou sucintamente da missão do apóstolo. Suas palavras obedeciam a largo sôpro de inspiração e beleza espiritual. Junius Gallio, ouvindo a história do convertido de Damasco, dos lábios de um compatriço, mostrou-se muito impressionado e comovido. De quando em vez, os gregos prorrompiam em exclamações de aplauso e contentamento. Os israelitas compreenderam que perdiam terreno de momento a momento.

Ao fim dos trabalhos, o chefe político da Acaia tomou a palavra para concluir que não via crime algum no discípulo do Evangelho; que os judeus deviam, antes

de qualquer acusação injusta, examinar a obra generosa da igreja de Corinto, porquanto, na sua opinião, não havia agravo dos princípios israelitas; que a só controvérsia de palavras não justificava violências, concluindo pela frivolidade das acusações e declarando não desejar a função de juiz em assunto daquela natureza.

Cada conclusão formulada era ruidosamente aplaudida pelos coríntios.

Quando Junius Gallio declarou que Paulo devia considerar-se em plena liberdade, os aplausos atingiram ao delírio. A autoridade recomendou que a retirada se fizesse em ordem; mas os gregos aguardam a descida de Sóstenes e quando surgiu a figura solene do "mestre de Israel", com os trajes característicos, os coríntios o atacaram sem piedade. Estabelecido enorme tumulto na escada longa que separava o tribunal da via pública, Tito Justo acercou-se aflito do proconsul e pediu que interviesse. Gallio, entretanto, continuando a preparar-se para regressar á casa, dirigiu a Paulo um olhar de simpatia e acrescentou calmamente:

— Não nos preocupemos. Os judeus estão muito habituados a esses tumultos. Se eu, como juiz, resguardar o corpo inteiro, parece-me que Sóstenes deveria resguardar a qualidade de acusador.

E demandou o interior do edifício em atitude impassível. Foi então que Paulo surgindo no topo da escada bradou:

— Irmãos, apaziguai-vos por amor de Cristo!...

A exortação caiu em cheio sobre a turba numerosa e tumultuária. O efeito foi imediato. Cessaram os rumores e os improperios. Os últimos contendores paralisaram os braços inquietos. O convertido de Damasco acorreu pressuroso em socorrer Sóstenes, cujo rosto sangrava. O acusador implacável do dia foi conduzido á sua residência pelos cristãos de Corinto, que atenderam aos apelos de Paulo, com extremos cuidados.

Grandemente despeitados com o insucesso, os israelitas da cidade maquinaram novas investidas, mas o Apóstolo reunindo a comunidade do Evangelho, declarou que desejava partir para a Asia, a-fim-de atender a

insistentes chamados de João (1), na fundação definitiva da igreja de E'feso. Os coríntios protestaram amistosamente, procurando retê-lo, mas o ex-rabino expôs com firmeza a conveniência da viagem, contando regressar muito breve. Todos os cooperadores da igreja estavam desolados. Principalmente Febe, notável colaboradora do seu esforço apostólico em Corinto, não conseguia ocultar as lágrimas do coração. O devotado discípulo de Jesus fez ver que a igreja estava fundada, solicitando apenas a continuidade de atenção e carinho dos companheiros. Não seria justo, a seu ver, enfrentar novamente a ira dos israelitas, parecendo-lhe razoável esperar o concurso do tempo para as realizações necessárias.

Dentro de um mês, partiu em demanda de E'feso, levando consigo Aquila e a esposa, que se dispuseram a acompanhá-lo.

Despedindo-se da cidade, teve o pensamento voltado para o pretérito, para as esperanças de ventura terrestre que os anos haviam absorvido. Visitou os sítios onde Abigail e o irmão haviam brincado na infancia, saturou-se de recordações suaves e inesquecíveis e, no porto de Kencrées, lembrando a partida da noiva bem amada, raspolu a cabeça renovando o voto de fidelidade eterna, consoante os costumes populares da época.

Depois de viagem difícil, repleta de incidentes penosos, Paulo e os companheiros chegaram ao ponto destinado.

A igreja de E'feso enfrentava problemas torturantes. João lutava sériamente para que o esforço evangélico não degenerasse em polemicas estéreis. Mas os tecelões chegados de Corinto deram-lhe mão forte na cooperação imprescindível.

Em meio das acaloradas discussões que houve de manter com os judeus, na sinagoga, o ex-rabino não olvidou certas realizações sentimentais que almejava des-

(1) João iniciou suas atividades na igreja mixta de E'feso, muito cedo, embora não se desligasse de Jerusalém.

— (Nota de EMMANUEL).

de muito. Com delicadeza extrema, visitou a Mãe de Jesus na sua casinha singela, que dava para o mar. Impressionou-se fortemente com a humildade daquela criatura simples e amorosa, que mais se assemelhava a um anjo vestido de mulher. Paulo de Tarso interessou-se pelas suas narrativas caricosas, a respeito da noite do nascimento do Mestre, gravou no íntimo suas divinas impressões e prometeu voltar na primeira oportunidade, a fim de recolher os dados indispensáveis ao Evangelho que pretendia escrever para os cristãos do futuro. Maria colocou-se á sua disposição, com grande alegria.

O Apóstolo, entretanto, depois de cooperar algum tempo na consolidação da igreja, considerando que Aquila e Prisca se encontravam bem instalados e satisfeitos, resolveu partir, buscando novos rumos. Debalde os irmãos procuraram dissuadi-lo, rogando ficasse na cidade por mais tempo. Prometendo regressar logo que as circunstancias permitissem, alegou que precisava ir a Jerusalém, levar a Simão Pedro o fruto da coleta de anos consecutivos nos lugares que percorrera. O filho de Zebedeu, que conhecia o projeto antigo, deu-lhe razão para empreender a viagem sem mais demora.

Como já se encontrassem novamente a seu lado, Silas e Timóteo fizeram-lhe companhia nessa nova excursão.

Através de enormes dificuldades, mas prégando sempre a Boa-Nova com verdadeiro entusiasmo devocional, chegaram ao porto de Cesaréia, onde permaneceram alguns dias, instruindo os interessados no conhecimento do Evangelho. Dali, dirigiram-se a pé para Jerusalém, distribuindo consolações e curas, ao longo dos caminhos. Chegados á capital do judaísmo, o ex-pescador de Cafarnaum recebeu-os com júbilos incedíveis. Simão Pedro apresentava grande abatimento físico, em virtude das lutas terríveis e incessantes para que a igreja suportasse, sem maiores abalos, as tempestades primitivas; seus olhos, porém, guardavam a mesma serenidade característica dos discípulos fiéis.

Paulo entregou-lhe, alegremente, a pequena fortuna cuja aplicação iria assegurar maior independência á ins-

tuição de Jerusalém, para o desenvolvimento justo da obra de Cristo. Pedro agradeceu comovido e abraçou-o com lágrimas. Os pobres, os orfãos, os velhos desamparados e os convalescentes, teriam doravante uma escola abençoada de trabalho santificante.

Pedro notou que o ex-rabino também estava alquebrado de corpo. Muito magro, muito pálido, cabelos já grisalhos, tudo nele denunciava a intensidade das lutas empenhadas. As mãos e o rosto estavam cheios de cicatrizes.

O ex-pescador, diante do que via, falou-lhe com entusiasmo das suas epístolas, que se espalhavam por todas as igrejas, lidas com avidez; profundamente experimentado em problemas de ordem espiritual, alegou a convicção de que aquelas cartas provinham de uma inspiração direta do Mestre Divino, observação que Paulo de Tarso recebeu comovidíssimo, dada a espontaneidade do companheiro. Além disso — acrescentava Simão prazerosamente — não podia haver elemento educativo de tão elevado alcance quanto aquele. Conhecia cristãos da Palestina que guardavam cópias numerosas da mensagem aos tessalonicenses. As igrejas de Joppe e Antipatris, por exemplo, comentavam as epístolas, frase por frase.

O ex-rabino sentiu imenso confôrto para prosseguir na luta redentora.

Após alguns dias, demandou Antioquia, junto dos discípulos. Descansou algum tempo junto dos companheiros bem amados, mas sua poderosa capacidade de trabalho não permitia maiores intermitências de repouso.

Nessa época, não passava semana que não recebesse representações de diversas igrejas, dos pontos mais distantes. Antioquia da Pisídia sumariava dificuldades. Icônio reclamava novas visitas. Beréia rogava providências. Corinto encarecia esclarecimentos. Colossos insistia por sua presença breve. Paulo de Tarso valendo-se dos companheiros da ocasião, enviava-lhes letras novas, a todos atendendo com o maior carinho. Em tais circunstancias, nunca mais o Apóstolo dos gentios esteve

só na tarefa evangelizadora. Sempre assistido por discípulos numerosos, suas epístolas, que ficaram para os cristãos do futuro, estão, em sua maioria, repletas de referências pessoais, suaves e doces.

Terminando o estágio em Antióquia, voltou ao berço natal, aí falando das verdades eternas e conseguindo despertar grande numero de tarsenses para as realidades do Evangelho. Em seguida, internou-se de novo pelas alturas do Tauros, visitou as comunidades de toda a Galácia e Frígia, levantando o animo dos companheiros de fé, no que empregou elevada percentagem de tempo. Nesse afan incansavel e incessante, conseguiu arregimentar novos discípulos para Jesus, distribuindo grandes benefícios em todos os recantos iluminados pela sua palavra edificante, porque também ilustrada em fatos.

Em toda parte, lutas sem tréguas, alegrias e dores, angústias e amarguras do mundo, que não chegavam a lhe arrefecer as esperanças nas promessas de Jesus. De um lado eram os israelitas rigorosos, inimigos ferrenhos e declarados do Salvador; do outro, os cristãos indecisos, vacilando entre as conveniências pessoais e as falsas interpretações. O missionário tarsense, no entanto, conhecendo que o discípulo sincero terá de experimentar as sensações da "porta estreita" todos os dias, nunca se deixou empolgar pelo desanimo, renovando a cada hora o proposito de tudo suportar, agir, fazer e edificar pelo Evangelho, inteiramente entregue a Jesus Cristo.

Vencidas as lutas indefessas, deliberou regressar a E'feso, interessado na feitura do Evangelho recalcado nas recordações de Maria.

Não mais encontrou Aquila e Prisca, retornados a Corinto em companhia de um tal Apolo, que se notabilizara por sua cultura, entre os recém-convertidos. Embora pretendesse apenas manter algumas conversações mais longas com a filha inesquecível de Nazaré, foi compelido a enfrentar a luta séria com os cooperadores de João. A sinagoga conseguira grande ascendente político sobre a igreja da cidade, que ameaçava

bossobrar. O ex-rabino percebeu o perigo e aceitou a luta, sem reservas. Durante três meses discutiu na sinagoga, em todas as reuniões. A cidade, que se mantinha em dúvidas atrozes, parecia alcançar uma compreensão mais elevada e mais rica de luzes. Multiplicando as curas maravilhosas, Paulo, um dia, tendo imposto as mãos sobre alguns doentes, foi rodeado por claridade indefinível do mundo espiritual. As vozes santificadas que se manifestavam em Jerusalém e Antioquia, falaram na praça pública. Esse fato teve enorme repercussão e deu maior autoridade aos argumentos do Apóstolo, em contradição aos judeus.

Em E'feso não se falava de outra cousa. O ex-rabino fôra elevado ao apogeu da consideração, de um dia para outro. Os israelitas perdiam terreno em toda a linha. O tecelão valeu-se do ensejo para lançar raízes evangélicas mais fundas nos corações. Secundando o esforço de João, procurou instalar na igreja os serviços de assistência aos mais desfavorecidos da fortuna. A instituição enriquecia-se de valores espirituais. Compreendendo a importância da organização de E'feso para toda a Asia, Paulo de Tarso deliberou prolongar, ali, a sua permanencia. Vieram discípulos de Macedonia, Aquila e a espôsa regressaram a Corinto, Timóteo, Silas e Tito cooperavam ativamente visitando as fundações cristãs já estabelecidas. Assim vigorosamente auxiliado, o generoso Apóstolo multiplicava as curas e os benefícios em nome do Senhor. Trabalhando pela vitória dos principios do Mestre, fez com que muitos abandonassem credices e superstições perigosas, para se entregarem aos braços amorosos do Cristo.

Esse ritmo de trabalho fecundo perdurava ha mais de dois anos, quando surgiu um acontecimento de vasta repercussão entre os efésios.

A cidade votava um culto especial á deusa Diana. Pequenas estátuas, imagens fragmentárias da divindade mitológica surgiam em todos os cantos, bem como nos adornos da população. A prégação de Paulo, entretanto, modificara as preferencias do povo. Quasi ninguém se interessava mais pela aquisição das imagens

da deusa. Esse culto, porém, era tão lucrativo que os ourives da época, chefiados por um artífice de nome Demétrio, iniciaram veemente protesto perante as autoridades competentes.

Os prejudicados alegavam que a campanha do Apóstolo aniquilava as melhores tradições populares da cidade notável e florescente. O culto a Diana vinha dos antepassados e merecia mais respeito; além disso, toda uma classe de homens válidos ficava sem trabalho.

Demétrio movimentou-se. Os ourives reuniram-se e pagaram amotinadores. Sabiam que Paulo falaria no teatro, naquela mesma noite que sucedeu às combinações definitivas. Pagos pelos artífices, os maliciosos começaram a espalhar boatos entre os mais crédulos. Insinuavam que o ex-rabino preparava-se para arrombar o templo de Diana, a fim de queimar os objetos do culto. Acrescentavam que a malta iconoclasta sairia do teatro para executar o projeto sinistro. Irritaram-se os animos. O plano de Demétrio calava fundo na imaginação dos mais simplórios. Ao entardecer, grande massa popular postou-se na vasta praça, em atitude expectante. A noite fechou, a multidão crescia sempre. Ao acenderem-se no teatro as primeiras luzes, os ourives acreditaram que o Apóstolo lá estivesse. Com imprecações e gestos ameaçadores, a multidão avançou em furiosa grita, mas somente Gaio e Aristarco, irmãos da Macedônia ali se encontravam, preparando o ambiente das prégaçãoes da noite. Ambos foram presos pelos exaltados. Verificando a ausência do ex-rabino, a massa inconciente encaminhou-se para a tenda de Aquila e Prisca. Paulo, no entanto, lá não estava. A oficina singela do casal cristão foi totalmente desmantelada a golpes impiedosos. Teares quebrados, peças de couro atiradas á rua, furiosamente. Por fim, o casal foi preso, sob os apupos da turba exacerbada.

A notícia espalhou-se com extrema rapidez. A coluna revolucionária arrebanhava aderentes em todas as ruas, dado o seu carater festivo. Debalde acorreram soldados para conter a multidão. Os maiores esforços tornavam-se inúteis. De vez em quando, Demétrio as-

somava a uma tribuna improvisada e dirigia-se ao povo envenenando os animos.

Recolhido á residencia de um amigo, Paulo de Tarso inteirou-se dos fatos graves que se desenrolavam por sua causa. Seu primeiro impulso foi seguir logo ao encontro dos companheiros capturados, para libertalos, mas os irmãos impediram-lhe a saída. Essa noite dolorosa ficaria inesquecível em sua vida. Ao longe, ouvia-se a gritaria estentórica: — "Grande é a Diana de Éfeso! Grande é a Diana de Éfeso!" Mas o apóstolo, constringido á força, pelos companheiros, houve que desistir de esclarecer a massa popular, na praça pública.

Só muito tarde, o escrivão da cidade conseguiu falar ao povo, concitando-o a levar a causa a juízo, abandonando o louco proposito de fazer justiça pelas proprias mãos.

A assembléa dispersou-se, pouco antes da meia noite, mas só atendeu a autoridade depois de ver Gaio, Aristarco e o casal de tecelões trancafiados na enxovia.

No dia seguinte, o generoso apóstolo dos gentios foi, em companhia de João, observar os destroços da tenda de Aquila. Tudo em frangalhos na via pública. Paulo refletiu com imensa mágua nos amigos presos e falou ao filho de Zebedeu, com os olhos mareados de lágrimas.

— Como tudo isto me contrista! Aquila e Prisca têm sido meus companheiros de luta, desde as primeiras horas de minha conversão a Jesus. Por eles deveria eu sofrer tudo, pelo muito amor que lhes devo, mas não julgo razoavel que sofram por minha causa.

— A causa é de Cristo! — respondeu João com acerto.

O ex-rabino pareceu conformar-se com a observação e sentenciou:

— Sim, o Mestre nos consolará.

E depois de concentrar-se longamente, murmurou:

— Estamos em lutas incessantes na Ásia, ha mais de vinte anos... Agora, preciso recolher-me a Jônia sem demora. Os golpes vieram de todos os lados. Pelo bem que desejamos, fazem-nos todo mal que podem. Ai

de nós se não trouxessemos as marcas do Cristo Jesus!  
O prégador valoroso, tão desassombrado e resistente, chorava! João percebeu, contemplou-lhe os cabelos prematuramente encanecidos e procurou desviar o assunto:

— Não te vás por enquanto — disse solícito — ainda és necessário aqui.

— Impossível — respondeu com tristeza — a revolução dos artífices continuaria. Todos os irmãos pagariam caro a minha companhia.

— Mas não pretendes escrever o Evangelho, consoante as recordações de Maria? — perguntou melfluamente o filho de Zebedeu.

— E' verdade — confirmou o ex-rabino com serenidade amarga — entretanto, é forçoso partir. Caso não mais volte, enviarei um companheiro para colher as devidas anotações.

— Contudo, poderias ficar conosco.

O tecelão de Tarso fitou o companheiro com tranquilidade e explicou, em atitude humilde:

— Talvez estejas enganado. Nasci para uma luta sem tréguas, que deverá prevalecer até o fim dos meus dias. Antes de encontrar as luzes do Evangelho, errei criminosamente, embora com o sincero desejo de servir a Deus. Fracassel, muito cedo, na esperança de um lar. Tornei-me odiado de todos, até que o Senhor se compadecesse de minha situação miserável, chamando-me ás portas de Damasco. Então, estabeleceu-se um abismo entre minh'alma e o passado. Abandonado pelos amigos da infancia, tive de procurar o deserto e recomençar a vida. Da tribuna do Sinhédrão, regresssei ao tear pesado e rústico. Quando voltei a Jerusalém, o judaísmo considerou-me doente e mentiroso. Em Tarso experimentei o abandono dos parentes mais caros. Em seguida recommencei em Antioquia a tarefa que me seduzia, ao serviço de Deus. Desde então, trabalhei sem descanso, porque muitos séculos de serviço não dariam para pagar quanto devo ao Cristianismo. E saí ás pregações. Peregrinei por diversas cidades, visitei centenas de aldeias, mas de nenhum lugar me retirei sem

luta áspera. Sempre saí pela porta do cárcere, pelo apedrejamento, pelo golpe dos açoites. Nas viagens por mar, já experimentei o naufrágio mais de uma vez; nem mesmo no bojo estreito de uma embarcação, tenho podido evitar a luta. Mas Jesus tem-me ensinado a sabedoria da paz interior, em perfeita comunhão de seu amor.

Essas palavras eram ditas em tom de humildade tão sincera que o filho de Zebedeu não conseguia esconder sua admiração.

— E's feliz, Paulo — disse ele convicto — porque entendeste o programa de Jesus a teu respeito. Não te doa a recordação dos martírios sofridos, porque o Mestre foi compelido a retirar-se do mundo pelos tormentos da cruz. Regosijemo-nos com as prisões e sofrimentos. Se o Cristo partiu sangrando em feridas tão dolorosas, não temos o direito de acompanhá-lo sem cicatrizes...

O Apóstolo dos gentios prestou enorme atenção a essas palavras consoladoras e murmurou:

— E' verdade!...

— Além do mais — acrescentou o companheiro emocionado — devemos contar com calvarios numerosos. Se o Cordeiro Imaculado padeceu na cruz da ignominia, de quantas cruces necessitaremos para atingir a redenção? Jesus veio ao mundo por imensa misericórdia. Acenou-nos brandamente, convocando-nos á uma vida melhor... Agora, meu amigo, como os antepassados de Israel, que saíram do cativeiro do Egito a custa de sacrificios extremos, precisamos fugir da escravidão dos pecados, violentando-nos a nós mesmos, disciplinando o espírito, a-fim-de nos juntarmos ao Mestre, correspondendo á sua imensa bondade.

Paulo meneou a cabeça, pensativo, e acentuou:

— Desde que o Senhor se dignou convocar-me ao serviço do Evangelho, não tenho meditado noutra cousa.

Nesse ritmo cordial conversaram muito tempo, até que o Apóstolo dos gentios concluiu mais confortado:

— O que de tudo concluo é que minha tarefa no Oriente está fmda. O espírito de serviço exige que me vá além... Tenho a esperança de prégar o Evangelho

do Reino em Roma, na Espanha e entre os povos menos conhecidos...

Seu olhar estava cheio de visões gloriosas e João murmurou humildemente:

— Deus abençoará os teus caminhos.

Demorou-se ainda em Éfeso, movimentando os melhores empenhos a favor dos prisioneiros. Conseguida a liberdade dos detentos, resolveu deixar a Jônia dentro do menor prazo possível. Estava, porém, profundamente abatido. Dir-se-ia que as últimas lutas haviam cooperado no dismantelo de suas melhores energias. Acompanhado de alguns amigos dirigiu-se para Troade, onde se demorou alguns dias, edificando os irmãos na fé. A fadiga, entretanto, acentuava-se cada vez mais. As preocupações enervaram-no. Experimentava no íntimo profunda desolação, que a insônia agravava dia a dia. Paulo, que nunca esquecera a ternura dos irmãos de Filipos, deliberou, então, procurar ali um abrigo, ansioso de repousar alguns momentos. Recebido na igreja instalada em casa de Lídia, o Apóstolo foi acolhido com inequívocas provas de carinho e consideração. As crianças da instituição desdobraram-se em demonstrações de afetuosa ternura. Outra agradável surpresa ali o esperava: Lucas encontrava-se acidentalmente na cidade e foi abraçá-lo. Esse encontro reanimou-lhe o animo abatido. Avistando-se com o amigo, o médico alarmou-se. Paulo pareceu-lhe extremamente esgotado, triste, não obstante a fé inabalável que lhe nutria o coração e transbordava dos lábios. Explicou que estivera doente, que muito sofrera nas últimas pregações de Éfeso, que estava sozinho em Filipos, depois do regresso de alguns amigos que o haviam acompanhado, que os colaboradores mais fiéis tinham partido para Corinto, onde o aguardavam.

Muito surpreendido, Lucas tudo ouviu silencioso e perguntou:

— Quando partireis?

— Pretendo aqui ficar duas semanas.

El depois de vaguear os olhos na paisagem, concluiu em tom quasi amargo:

— Aliás, meu caro Lucas, julgo ser esta a última vez que descanço em Filipos...

— Mas, por que? Não ha motivos para pressentimentos tão tristes.

Paulo notou a preocupação do amigo e apressou-se a desfazer-lhe as primeiras impressões:

— Suponho que terei de partir para o Ocidente — esclareceu com um sorriso.

— Muito bem! — respondeu Lucas reanimado. — Vou ultimar os assuntos que aqui me trouxeram e irei convosco a Corinto.

O Apóstolo alegrou-se. Rejubilava-se com a presença de um companheiro dos mais dedicados. Lucas tambem estava satisfeito com a possibilidade de assisti-lo na viagem. Com grande esforço procurava dissimular a penosa impressão que a saúde do Apóstolo lhe causara. Magrissimo, rosto pálido, olhos encovados, o ex-rabino dava a impressão de profunda miseria organica. O médico, no entanto, fez o possível por ocultar suas dolorosas conjecturas.

Como de hábito, Paulo de Tarso durante a viagem até Corinto, falou do projeto de chegar á Roma, por levar á capital do Império a mensagem do amor de Cristo Jesus. A companhia de Lucas, a mudança das paisagens revigoravam-lhe as forças físicas. O proprio médico estava surpreendido com a reação natural daquele homem de vontade poderosa.

Pelo caminho, através das pregações ocasionais de um longo itinerario, juntaram-se-lhes alguns companheiros mais devotados.

Novamente em Corinto, o ex-rabino ratificou as suas epístolas, reorganizou amorosamente os quadros de serviço da Igreja e, no círculo dos mais íntimos não falava de outra cousa senão do grandioso projeto de visitar Roma, no intuito de auxiliar os cristãos já existentes na cidade dos Césares a estabelecerem instituições semelhantes ás de Jerusalém, de Antióquia, de Corinto e outros pontos mais importantes do Oriente. Nesse interregno, readquiriu as energias latentes do organismo debilitado. Desdobrava-se no plano, coordena-

nando idéias e mais idéias do programa colimado na imperial metrópole. Aventou numerosas providências. Pensou em preparar sua chegada, fazendo-a preceder de carta na qual recapitulasse a doutrina consoladora do Evangelho e nomeasse com saudações afetuosas todos os irmãos do seu conhecimento no ambiente romano. Aquila e Prisca tinham voltado de Éfeso para a capital do Imperio, no intuito de recomeçar a vida. Seriam auxiliares diletos. Para esse fim, Paulo empregou alguns dias na redação do célebre documento, concluindo-o com uma carga de saudações particulares e extensas. Foi aí que se verificou um episódio escassamente conhecido pelos seguidores do cristianismo. Considerando que todos os irmãos e pregadores eram criaturas excessivamente ocupadas nos mais variados misteres e que Paulo custaria a encontrar portador para a missiva famosa, a irmã de nome Febe, grande cooperadora do Apóstolo dos gentios no porto de Kencreés, comunicou-lhe que teria de ir a Roma, em visita a parentes e se oferecia, de bom grado, a levar o documento destinado a iluminar a cristandade póstera.

Paulo exultou de contentamento, aliás extensivo a toda a confraria. A epístola foi terminada com enorme animação e júbilo. Tão logo partiu a emissária heróica, o ex-rabino reuniu a pequena comunidade dos discípulos diletos para assentar as bases definitivas da grande excursão. Começou explicando que o inverno estava a começar, mas, tão depressa voltasse o tempo de navegação, embarcaria para Roma. Depois de jultificar a excelencia do plano, visto já estar implantado o Evangelho nas regiões mais importantes do Oriente, pediu aos amigos íntimos lhe dissessem como e até que ponto lhes seria possível auxiliá-lo. Timóteo alegou que Eunice não podia, no momento, dispensar seus cuidados, dado o falecimento da veneranda Loide. Segundo expôs que precisava regressar a Tessalonica e Aristarco o secundou nesse parecer. Sopatro falou de suas dificuldades em Beréia. Gaio pretendia partir para Derbe no dia seguinte. Tíquico e Trófimo alegaram a necessidade urgente de ir á Éfeso, de onde pretendiam mudar para

Antióquia, seu berço natal. Quasi todos os demais estavam impossibilitados de participar da excursão. Apenas Silas afirmou que poderia fazê-lo, fôsse como fôsse. Chegada, porém, a vez de Lucas, que se mantivera até então calado, disse estar pronto e resolvido a compartilhar dos trabalhos e alegrias da missão de Roma. De toda a assembléia, dois apenas poderiam acompanhá-lo. Paulo, todavia, mostrou-se conformado e satisfeitíssimo: Bastavam-lhe Silas e Lucas, habituados aos seus métodos de propagação e com os mais belos títulos de trabalho e dedicação á causa de Jesus.

Tudo corria ás maravilhas, o plano combinado auspiciava grandes esperanças, quando, no dia imediato, um peregrino pobre e triste, surgia em Corinto, desembarcado de uma das ultimas embarcações chegadas ao Peloponeso para a ancoragem longa do inverno. Vinha de Jerusalém, batera ás portas da igreja e procurou insistentemente por Paulo, a-fim-de entregar-lhe uma carta confidencial. Defrontando o singular mensageiro, o Apóstolo surpreendeu-se: Tratava-se do irmão Abdias, a quem Tiago incumbira de entregar a carta ao ex-rabino. Este, tomou-a e desdobrou-a um tanto nervoso.

A' medida que ia lendo, mais pálido se fazia.

Tratava-se de um documento particular, da mais alta importancia. O filho de Alfeu comunicava ao ex-doutor da Lei os dolorosos acontecimentos que se desenrolavam em Jerusalém. Tiago avisava que a igreja sofria nova e violentíssima perseguição do Sinhédrio. Os rabinos haviam decidido reatar o fio das torturas inflingidas aos cristãos. Simão Pedro fôra banido e expulso da cidade. Grande numero de confrades eram obrigados a novas peregrinações e novos martírios. A igreja fôra assaltada por fariseus sem consciencia e só não sofrera depredações de maior vulto em virtude do respeito que o povo lhe consagrava. Dentro de suas atitudes conciliatorias, conseguira aplacar os animos mais exaltados, mas o Sinhédrio alegava a necessidade de um entendimento com Paulo, a-fim-de conceder tréguas. A ação do Apóstolo dos gentios, incessante e ativa, conseguira lançar as sementes de Jesus em toda a parte.

De todos os lados, o Sinhedrio recebia consultas, reclamações, notícias alarmantes. As sinagogas iam ficando desertas. Tal situação requeria esclarecimentos. Baseado nesses pretextos, o maior tribunal dos israelitas desfechava tremendos ataques contra a organização cristã em Jerusalém. Tiago relatava os acontecimentos com grande serenidade e rogava a Paulo de Tarso não abandonasse a igreja naquela hora de lutas acerbadas. Ele, Tiago, estava envelhecido e cansado. Sem a colaboração de Pedro, temia sucumbir. Pedia, então, ao convertido de Damasco fôsse a Jerusalém, afrontasse as perseguições por amor a Jesus, para que os doutores do Sinhedrio e do Templo ficassem bastantemente esclarecidos. Acreditava que lhe não poderia advir nenhum mal, porquanto o ex-rabino saberia melhor dirigir-se ás autoridades religiosas, para que a causa lograsse justo exito. A viagem a Jerusalém teria somente um objetivo: esclarecer o Sinhedrio, como se fazia indispensável. Depois disso, que Tiago considerava de suma importancia para salvar a igreja da capital do judaismo, Paulo voltaria tranqüilo e feliz para onde lhe aprobevesse.

A mensagem estava crivada de exclamações amargas e de apelos veementes.

Paulo de Tarso terminou a leitura e lembrou o passado. Com que direito lhe fazia o Apóstolo galileu semelhante pedido? Tiago sempre se colocara em posição antagonica. Em que pesasse a sua indole impetuosa, franca, inquebrantavel, não podia odia-lo; entretanto, não se sentia perfeitamente afim com o filho de Alfeu, a ponto de se tornar seu companheiro adequado em lance tão difficil. Procurou um recanto solitário da igreja, sentou-se e meditou. Experimentando certas relutancias intimas em renunciar á partida para Roma, não obstante o projeto formulado em Efeso nas vésperas da revolução dos ourives, de só visitar a capital do Império depois de nova excursão a Jerusalém, procurou consultar o Evangelho, por desfazer tão grande perplexidade. Desenrolou os pergaminhos e, abrindo ao acaso,

leu a advertencia das anotações de Levi: — "Concilia-te depressa com o teu adversário" (1).

Diante dessas palavras judiciosas, não dissimulou o assombro, recebendo-as como um alvitre divino para que não desprezasse a oportunidade de estabelecer com o Apóstolo galileu os laços sacrossantos da mais pura fraternidade. Não era justo alimentar caprichos pessoais na obra do Cristo. No feito em perspectiva, não era Tiago o interessado na sua presença em Jerusalém. Era a igreja, era a sagrada instituição que se tornara tutora dos pobres e dos infelizes. Provocar as iras farisáicas sobre ela, não seria lançar uma tempestade de imprevisíveis conseqüencias para os necessitados e desfavorecidos do mundo? Recordou a juventude e a longa perseguição que chegara a mover contra os discipulos do Crucificado. Teve a nítida recordação do dia em que efetuara a prisão de Pedro entre os aleijados e os enfeêrmos, que o cercavam soluçantes. Lembrou que Jesus o chamara para o divino serviço, ás portas de Damasco; que, desde então, sofrera e prégara, sacrificando-se a si mesmo e ensinando as verdades eternas, organizando igrejas amorosas e acolhedoras, onde os "filhos do Calvário" tivessem consólo e abrigo, de conformidade com as exortações de Abigail; e assim chegou á conclusão de que devia aos soffredores de Jerusalém alguma cousa que era preciso restituir. Em outros tempos, fomentara a confusão, privara-os da assistencia carinhosa de Estevam, iniciara banimentos impiedosos. Muitos doentes foram obrigados a negar o Cristo em sua presença, na cidade dos rabinos. Não seria aquela a ocasião adequada para resgatar a dívida enorme? Paulo de Tarso iluminado agora pelas mais santas experiencias da vida com o Mestre Amado, levantou-se e a passos resolutos dirigiu-se ao portador que o esperava em attitude humilde:

— Amigo, vem descansar, que bem precisas. Levás a resposta em breves dias.

(1) Mateus: — 5-25 — (Nota de EMMANUEL).

— Ireis a Jerusalém? — interrogou Abdias com certa ansiedade, como se conhecesse a importancia do assunto.

— Sim — respondeu o apóstolo.

O emissário foi tratado com todo o carinho. Paulo procurou ouvir-lhe as impressões pessoais sobre a perseguição novamente desfechada contra os discípulos do Cristo; buscou firmar idéias sobre o que competia fazer; mas, não conseguia furtar-se a certas preocupações imperiosas e aparentemente insolúveis. Como proceder em Jerusalém? Que espécie de esclarecimentos deveria prestar aos rabinos do Sinédrio? Qual o testemunho que competia dar?

Grandemente apreensivo, adormeceu aquela noite, depois de pensamentos torturados e exaustivos. Sonhou, porém, que se encontrava em longa e clara estrada tonalizada de maravilhosos claros opalinos. Não dára muitos passos, quando foi abraçado por duas entidades carinhosas e amigas. Eram Jeziél e Abigail que o enlaçavam com indizível carinho. Extasiado, não pôde murmurar uma palavra. Abigail agradeceu-lhe a ternura das lembranças comovidas, em Corinto, falou-lhe dos júbilos do seu coração e rematou com alegria:

— Não te inquietes, Paulo. E' preciso ir a Jerusalém para o testemunho imprescindível.

No íntimo, o apóstolo reconsiderava o plano de excursão á Roma, no seu nobre intuito de ensinar as verdades cristãs na séde do Império. Bastou pensa-lo, porque a voz querida se fez ouvir novamente, em timbre familiar:

— Tranquiliza-te porque irás á Roma cumprir um sublime dever; não, porém, como queres, mas de acôrdo com os desígnios do Altíssimo...

E logo esboçando angelical sorriso:

— Depois, então, será a nossa união eternal em Jesus Cristo, para a divina tarefa do amor e da verdade á luz do Evangelho.

Aquelas palavras caíram-lhe nalma com a força de uma profunda revelação. O Apóstolo dos gentios não saberia explicar o que se passou no âmago do seu Es-

pírito. Sentia, simultaneamente, dôr e prazer, preocupação e esperança. A surpresa pareceu impedir o seguimento da visão inesquecível. Jeziél e a irmã, endereçando-lhe gestos amorosos, pareciam desaparecer numa faixa de névoas transparentes. Acordou em sobresalto e concluiu, desde logo, que devia preparar-se para os derradeiros testemunhos.

No dia seguinte, convocou uma reunião dos amigos e companheiros de Corinto. Mandou que Abdias explicasse, de viva voz, a situação de Jerusalém e expôs o plano de passar pela capital do judaísmo antes de seguir para Roma. Todos compreenderam os sagrados imperativos da nova resolução. Lucas, todavia, adiantou-se e perguntou:

— De acôrdo com a modificação do projeto, quando pretendeis partir?

— Dentro de poucos dias — respondeu resolutamente.

— Impossível — respondeu o médico — não poderemos concordar com a vossa viagem a pé, a Jerusalém; além de tudo, precisais descansar alguns dias, depois de tantas lutas.

O ex-rabino refletiu um momento e concordou:

— Tens razão. Ficarei em Corinto algumas semanas; no entanto, pretendo realizar a viagem por etapas, no intuito de visitar as comunidades cristãs, pois tenho a intuição de minha partida breve, para Roma, e de que não mais verei as igrejas amadas, em corpo mortal...

Essas palavras eram pronunciadas em tom melancólico. Lucas e os demais companheiros ficaram silenciosos e o Apóstolo continuou:

— Aproveitarei o tempo instruindo Apolo sobre os trabalhos indispensáveis do Evangelho, nas diversas regiões da Acaia.

Em seguida, desfazendo a impressão de suas afirmativas menos animadoras, no tocante á viagem á Roma, incutiu novo alento no auditório, emitindo conceitos otimistas e esperançosos. Traçou vasto programa para os discípulos, recomendando atividades á maioria, entre as comunidades de toda a Macedonia, a-fim-de que todos os irmãos estivessem a postos para as suas des-

pedidas; outros foram despachados para a Asia com identicas instruções.

Decorridos três meses de permanencia em Corinto, novas perseguições dos judeus foram desfechadas contra a instituição. A sinagoga principal da Acaia havia recebido secretas notificações de Jerusalém. Nada menos que a eliminação do Apóstolo, a qualquer preço. Paulo percebeu a insidia e despediu-se prudentemente dos corinthios, partindo em companhia de Lucas e Silas, a pé, para visitar as igrejas da Macedonia.

Por toda a parte prégou a palavra do Evangelho, convencido de que era a última vez que fixava aquelas paisagens.

Despedia-se, comovido, dos velhos amigos de outros tempos. Fazia recomendações, no tom de quem ia partir para sempre. Mulheres reconhecidas, anciãos e crianças acorriam a beijar-lhe as mãos com enternecimento. Chegando a Filipes, cuja comunidade fraternal lhe falava mais intimamente ao coração, sua palavra suscitou torrentes de lágrimas. A igreja amorosa que vicejava para Jesus á margem do Gangas, consagrava ao Apóstolo dos gentios singular afeição. Lídia e seus numerosos auxiliares, num impulso muito humano, queriam retê-lo em sua companhia, insistiam para que não prosseguisse, receosos das perseguições do farisaísmo. E o apóstolo, sereno e confiante, acentuava:

— Não choreis, irmãos. Convicto estou do que me compete fazer e não devo esperar flores e dias felizes. Cumpre-me aguardar o fim, na paz do Senhor Jesus. A existencia humana é de trabalho incessante e os derradeiros sofrimentos são a coroa do testemunho.

Eram exortações cheias de esperanças e alegrias, por confortar os mais tímidos e renovar a fé nos corações fracos e soffredores.

Dando por terminada a tarefa nas zonas de Filipes, Paulo e os companheiros navegaram com destino a Troade. Nesta cidade, o Apóstolo fez, com inexcedível exito, a derradeira prégação na sétima noite de sua chegada, verificando-se o célebre incidente com o jóvem Eutico, que caiu de uma janela do terceiro andar do

prédio em que se realizavam as práticas evangélicas, sendo immediatamente socorrido pelo ex-rabino, que o colheu semi-morto e devolveu-lhe a vida em nome de Jesus.

Em Troade, outros confrades se reuniram á pequena caravana. Atentos á recomendação de Paulo, partiram com Lucas e Silas para Asson, a-fim-de contratar a preço módico algum velho barco de pescadores, porquanto o Apóstolo preferia viajar desse modo entre as ilhas e portos numerosos, para despedir-se dos amigos e irmãos que por all mourejavam. Assim aconteceu; e, enquanto os colaboradores tomavam embarcação confortavel, o ex-rabino palmilhou mais de vinte quilometros de estrada, só pelo prazer de abraçar os continuadores humildes da sua grandiosa faina apostólica.

Adquirindo em seguida um barco muito ordinário, Paulo e os discípulos prosseguiram a viagem para Jerusalém, distribuindo consolações e socorros espirituais ás comunidades humildes e obscuras.

Em todas as praias eram gestos comovedores, adeuses amargurosos. Em Efeso, porém, a cena foi muito mais triste, porque o Apóstolo solicitara o comparecimento dos anciãos e dos amigos, para falar-lhes particularmente ao coração. Não desejava desembarcar, no intuito de prevenir novos conflitos que lhe retardassem a marcha; mas, em testemunho de amor e reconhecimento, a comunidade em peso lhe foi ao encontro, sensibilizando-lhe a alma afetuosa.

A propria Maria, avançada em anos, accorrera de longe em companhia de João e outros discípulos, para levar uma palavra de amor ao paladino intemerato do Evangelho de seu Filho. Os anciãos receberam-no com ardorosas demonstrações de amizade, as crianças ofereciam-lhe merendas e flores.

Extremamente comovido, Paulo de Tarso prelecionou em despedida e, quando afirmou o presentimento de que não mais ali voltaria em corpo mortal, houve grandes explosões de amargura entre os efesios.

Como que tocados pela grandeza espiritual daquele momento, quasi todos se ajoelharam no tapete branco

da praia e pediram a Deus protegesse o devotado batalhador do Cristo. Recebendo tão belas manifestações de carinho, o ex-rabino abraçou, um por um, de olhos molhados. A maioria atirava-se-lhe nos braços amorosos, soluçando, beijando-lhe as mãos calosas e rudes. Abraçando, por último a Mãe Santíssima, Paulo tomou-lhe a destra e nela depôs um beijo de ternura filial.

A viagem continuou com as mesmas características. Rodes, Pátara, Tiro, Ptolemaida e, finalmente Cesaréia. Nesta cidade, hospedaram-se em casa de Filipe, que ali fixara residência há muito tempo. O velho companheiro de lutas informou Paulo dos fatos mínimos de Jerusalém, onde muito esperavam do seu esforço pessoal para continuação da igreja. Muito velhinho, o generoso galileu falou da paisagem espiritual da cidade dos rabinos, sem disfarçar os receios que a situação lhe causava. Não somente isso constrangeu os missionários. Agabo, já conhecido de Paulo em Antioquia, viera da Judéa e, em transe mediúnico na primeira reunião íntima em casa de Filipe, formulou os mais dolorosos vaticínios. As perspectivas eram tão sombrias que o próprio Lucas chorou. Os amigos rogaram a Paulo de Tarso que não partisse. Seria preferível a liberdade e a vida a benefício da causa.

Ele, porém, sempre disposto e resoluto, referiu-se ao Evangelho, comentou a passagem em que o Mestre profetizava os martírios que o aguardavam na cruz e concluía arrebatadamente:

— Por que chorarmos maguando o coração? Os seguidores do Cristo devem estar prontos para tudo. Por mim, estou disposto a dar testemunho, ainda que tenha de morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus!...

A impressão dos vaticínios de Agabo ainda não havia desaparecido, quando a casa de Filipe recebeu nova surpresa, no dia imediato. Os cristãos de Cesaréia levaram à presença do ex-rabino um emissário de Tiago, de nome Mnason. O Apóstolo galileu soubera da chegada do convertido de Damasco ao porto palestinese e dera-se pressa em se comunicar com ele, mediante um

portador devotado á causa comum. Mnason explicou ao ex-rabino o motivo de sua presença, advertindo-o dos perigos que arrostaria em Jerusalém, onde o ódio sectarista esfervilhava e atingia as mais atrozes perseguições. Dadas a exaltação e a vigilância do judaísmo, Paulo não deveria procurar imediatamente a igreja, mas hospedar-se em casa dele mensageiro, onde Tiago iria falar-lhe em particular e assim resolverem o que melhor conviesse aos sagrados interesses do Cristianismo. Isto posto, o Apóstolo dos gentios seria recebido na instituição de Jerusalém, para discutir com os atuais diretores os destinos da casa.

Paulo achou muito razoáveis os cuidados e sugestões de Tiago, mas preferiu seguir os alvites verbais do portador.

Angustiosas sombras pairavam no espírito dos companheiros do grande apóstolo, quando a caravana seguida por Mnason, se deslocou de Cesaréia para a capital do judaísmo. Como sempre fazia, Paulo de Tarso anunciou a Boa-Nova nos burgos mais humildes.

Após alguns dias de marcha vagarosa, para que todos os trabalhos apostólicos fôsem suficientemente atendidos, os discípulos do Evangelho transpuseram as portas da cidade dos rabinos, assomados de graves preocupações.

Envelhecido e alquebrado, o Apóstolo dos gentios contemplou os edifícios de Jerusalém, demorando o olhar na paisagem árida e triste que lhe recordava os anos da mocidade tumultuosa e morta para sempre. Elevou o pensamento a Jesus e pediu-lhe que o inspirasse no cumprimento do sagrado ministério.